





É preciso ir à aldeia de Bucos para conhecer um tipo especialíssimo de jogo popular — o jogo do pau. Esgrima característica portuguesa de índole tradicional, que subsiste até aos dias de hoje, é, pois, por assim dizer, a contribuição espontânea e original das terras e dos homens de Basto. Sobre eles pesa toda a ancestralidade do mote: Para cá do Marão, mandam os que cá estão!... A lei do pau: o caceteiro sem par... E como pode este jogo ser simples ou nítido ou folclórico ou pitoresco? Insólito, traz-nos ao conhecimento uma cultura e um património de usos e tradições milenares.

# A lei do pau

Texto de **Teixeira Mendes**  
Fotografia de **Gaspar de Jesus**

**C**abeceiras de Basto — a aldeia de Bucos à cabeça — reflecte, com raivosa persistência, o vigor combativo das suas gentes. Ela é bem a expressão dessa resistência, muitas vezes bem amarga, à decomposição da vida típica e originária. Enterrada entre penedias, guardada por tantos fantasmas, quem terá coragem da suspeitosa reserva face a toda esta paz aldeã?

A serra da Cabreira é perto e é inconfundível. Há pasto e ninguém lá vai. E a aldeia se despoeva. Mas o passado arcaico deixou ali tanto simbolismo perdido, tanta nostalgia, tanta alma penada, que até mesmo a sua autenticidade nos parece amargamente suspeita sempre. Mas exactamente por isso é que o povo, cansado de tantas coisas más, resolveu dar «corpo à própria ideia» de um colectivo — para comunicar-se e agir em comum. E vai de inventar a Associação ➤



O praticante só necessita de um pau de lódão, para além da tradicional roupa que enverga



O jogo do pau exhibe grande poder de atracção

► Desportiva e Cultural S. João Baptista de Bucos, que continua primando pelo jogo do pau.

Seja como for, o certo é que, em Bucos, o jogo do pau, que ainda não está divulgado em escala massiva, assume importância de vulto. Permanece uma herética, gigantesca técnica de luta, em que a arma é um simples pau de lódão verguio, direito e liso, da altura aproximada de um homem. E aqui são meia dúzia de adeptos que não encheriam mais que um autocarro. (E dizemo-lo fundados apenas na experiência recente, nomeadamente na dos grupos afins da Guarda, Espinheiro ou Cepães, o de Bucos, inescapavelmente, nos reserva surpresas, ressaltos, novos aspectos de uma realidade dialéctica).

Há na cultura de Basto (onde, diz o povo, «Celorico celou; Mondim meou; Cabeceiras cabeça ficou») uma expressão singular de cultura arcaica em vias de perder-se. E o jogo do pau exhibe um extraordinário poder de atracção. Isto nos habilita a dizer que ele não é uma efémera expansão da mocidade, que nele vegeta por um capricho ou fantasia juvenil, mas que dura só enquanto não se apaga o ardor viril dos moços. E a canalha miúda, principalmente, anda deslumbrada!

Mas que se há-de exigir dos praticantes? Braço forte, ritmo certo, pau de lódão adequado, assegura Manuel Urjais, da direcção da modesta Associação Desportiva e Cultural S. João Baptista. É que, da antiga arte dos jogadores do pau, nada ficou... umas fotos... umas imagens... umas gravações... um chuçó... um chapéu, talvez.

É ele quem diz que hoje não se «varrem feiras» com sachos e a boa vontade não supre a falta de músculos. O praticante só necessita de um pau de lódão, de 1,50 m de comprimento aproximado, habitualmente cortado na lua de Janeiro, para além da tradicional roupa que enverga: a camisa de linho, colete, calça preta e lenço tabaqueiro, afirma ele.

### As invencíveis fúrias

Manuel Urjais recorda que os habitantes de Bucos e de Cavez eram considerados os mais bravos: varriam largos inteiros. Verdadeiramente, aqui, a violência latente entre comunidades vizinhas explodia em batalhas de varapaus que faziam varrer num ápice a multidão de um arraial, conforme bem nos relata Camilo. Em décadas mais recentes, foi o futebol a oportunidade para vários ajustes de contas entre comunidades vizinhas que se viam incapazes de um jogo entre si de outra forma que não fosse à pancadaria. E vão longe, muito longe já, esses radiosos tempos em que os montes baldios de Bucos, que iam até Montalegre, eram usados para os pastos. Hoje, na aldeia só há meia dúzia de rebanhos.

Mas este zelo está sempre desperto? O jogo do pau é mais do que uma moda, mais do que um mito, mais do que um ídolo de papelão. Ainda hoje é uma arte activamente mantida, conservada, apesar de alguns riscos rudimentares. Resultado: ligamentos rompidos, canelas com papos, cabeças rachadas, joelhos doloridos e desgaste excessivo. É um jogo que não exige dos seus praticantes nem muita habilidade nem dotes de um superatleta.

Aparentemente apoderou-se da juventude. Pela simples razão que existe em Bucos uma escola onde se ensinam, de maneira mais imperiosa, as técnicas principais do jogo e, inclusive, as técnicas reputadas de secundárias, ou até inúteis, que tomam uma importância fundamental. ►



► Quem se desloca a Bucos, verifica que, hoje, os filhos são jogadores do pau, os pais foram jogadores, os avós também. A ligação ligeira de alguns e a paixão sectarista de outros têm-lhes permitido ser uma colectividade privilegiada que proclama a sua filiação em tradições ancestrais. A vasta audiência e o retumbante êxito nos últimos tempos das suas extraordinárias e audaciosas *performances* nas festas e romarias no-lo confirma.

Num curto período que vem de 1980 até hoje, o Grupo de Jogo de Pau de Bucos possui um estilo uniforme. Existe também um interdito, e compreende-se: as mulheres não têm voz na colectividade. Isto fruto de um hábito que não deixou para trás o modelo patriarcal. De sua primeira fase à última, a colectividade domina as circunstâncias e sabe de antemão qual a sua cor, qual o seu ritmo. Tudo foi difícil, no princípio.

A Associação Desportiva e Cultural S. João Baptista conta com duzentos adeptos e simpatizantes, certa repercussão internacional, algum desassossego e não tem descurado a formação, apostando nos últimos anos, na iniciação ao jogo por parte dos mais novos (a partir dos seis anos de idade). E a obra é

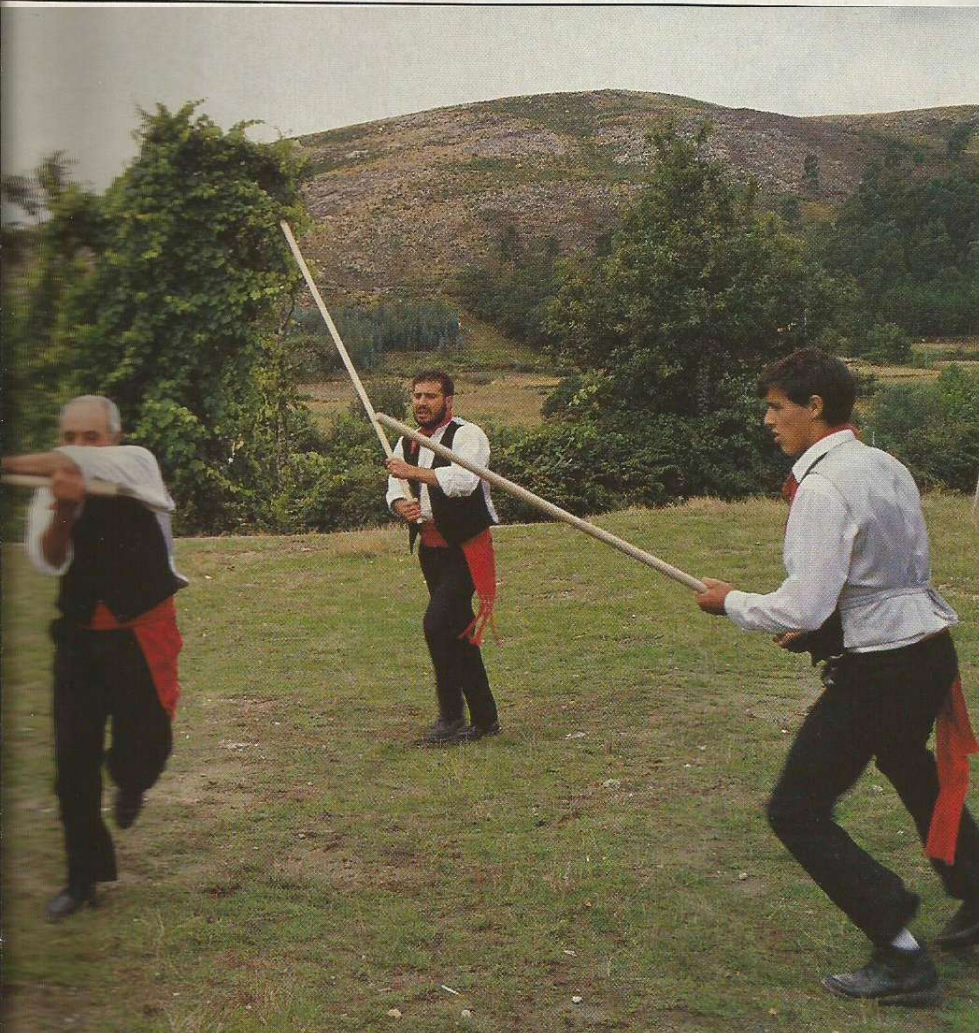
fecunda. Resulta, pois, que a colectividade tem sólidos alicerces a sustentá-la, faltando-lhe apenas uma sede. É este o objectivo que se segue.

Hoje, e à sua cabeça, coloca-se um homem daqueles que as aldeias, mesmo mais bem fadadas, só excepcionalmente e de longos em longos tempos, têm a sorte de produzir — Orides Gonçalves Oliveira. Ele é o coração da restauração do jogo do pau em Bucos. Durante largos anos, cumpriu a tradição da família. Foi mestre dessa «arte», presidente da Junta de Freguesia e ocupou numerosos cargos na direcção da colectividade. Mas, mais do que tudo isto, um motivo há que o torna venerável no meio associativo: ele sabe todos os volteios rápidos, ataques e paradas vertiginosas e maneja o pau como se fosse parte do próprio corpo. Hoje, assistido pelo seu filho Manuel Orides, continua dando «canseira» à garotada.

Para o presidente da Associação D. S. S. J. Bucos, o jogo do pau exige destreza e parceiros de alta resistência. É condição «sine qua non», nota Orides Oliveira, que o praticante não se revele desastrado e pouco hábil: «Pois é! Qualquer demonstração à toa,



“A dificuldade não é fazer melhor, é fazer bem”



coisa que dura um quarto de hora, leva horas a ser preparada», explica. «Há que repetir cada técnica uma porção de vezes. Vários ensaios, vários a valer, e vale tudo. Para os miúdos é um quebra-cabeças».

«A aprendizagem do jogo é difícil», diz ainda Orides Oliveira. Por isso, o aluno nada mais faz do que ir interiorizando as técnicas, a mestria, se não de um modo livre pelo menos de um modo expresso. Antes de mais, uma coisa é certa: já não se pretende «varrer feiras», nem «ajustar contas», mas sim dominar uma técnica, educar a mente e o corpo, desenvolver capacidades de decisão e rapidez de reflexos.

«Antigamente — explica Orides Oliveira — as questões e as questiúnculas surgidas (e formam um longo e doloroso rosário) assentavam em rivalidades de vizinhos e ambições de hegemonia, lutas de família e ressentimentos. Na verdade, as oposições e rivalidades entre as gentes de aldeias próximas eram norma, por razões mais ou menos graves, por vezes insignificantes: mulheres, águas, cães, etc., etc.».

Orides Oliveira é do número dos que pensa que «a dificuldade não é fazer melhor, é



# Kás-Bak ou o feminino

**E**m Fafe existe uma colectividade que se dedica com muito entusiasmo ao jogo do pau — o Kás-Bak, nome bizarro que vem de «Casbah», filme de aventuras passadas no deserto do Sara.

Sem nada ter a ver com a famigerada «justiça de Fafe» — quem sai aos seus não degenera — é, simplesmente, um clube que se esquia a uma predeterminação masculina. A maioria dos seus praticantes são mulheres por oposição aos homens. E o seu feminismo alia-se a um certo mas moderado casticismo. Tendo por sede um vago casebre no Bairro de S. José, onde reúne, numa balbúrdia, os seus parques haveres com a «tralha do ofício», a colectividade congrega 50 jovens entre os quatro e os 70 anos.

A «escola fafense» junta, segundo o treinador Anselmo de Magalhães, o grande alcance de golpes, ao aparato e curta distância em que é executado e mesmo à organização de defesa, pondo em actividade todos os sectores do corpo. Precisamente nesta linha de pensamento, insiste, por exemplo, na pluridimensional riqueza e originalidade do Kás-Bak — um singular modo de jogar «cara a cara» o pau.

Mas o clube, pela deficiência de instalações que enferma, não tem vindo a efectuar um «trabalho de massas» como seria de desejar. Dessa situação resulta uma descontinuidade na acção, acção essa entrecortada de altos e baixos periódicos, que prejudicam o seu crescimento. Verifica-se falta de regularidade nas iniciativas, organização deficiente e acção cultural muito incompleta.

O Kás-Bak está longe dos anos passados em que a Escola C+S local lhes disponibilizava o Ginásio, de 15 em 15 dias e aos domingos. Não obstante, no clube há atitudes, gestos, expressões e arrebatamentos. Por isso a arte do jogo do pau exige hoje mais do que nunca plasticidade, nervosismo, o arfar incessante e agitado, ritmo das pernas e dos braços. Sim, mas numa identidade em que se mostra a face da inocência ou o feminino. ●

► outros fazem, sabendo como é difícil fazer alguma coisa. Mas silenciosamente, enquanto os outros falam, ele trabalha...

## Os mestres jogadores

A história do jogo do pau em Bucos, tão calada no seu segredo, é sobretudo carregada de recordações e imagens aprendidas. Decididamente uma escola poderosíssima. O presidente da Associação D. C. S. J. B. Bucos sabe só que «mestre» Calado, do vizinho concelho de Vieira do Minho, iniciou muitos jovens de Bucos no manejo do pau. E que Adelino Barroso continuou a tarefa já iniciada, transformando muitos rapazes em hábeis jogadores. Posteriormente, Ernesto dos Santos, que apren-



Na sua essência, o jogo do pau é uma actividade recreativa



Em Fafe, as mulheres também praticam o jogo do pau

dera com o «mestre» Calado, cimentou os alicerces da «escola» de Bucos ensinando essa arte que poderá datar de séculos ou de milénios.

Pouco tempo depois levantar-se-ia, porém, uma nova geração de novas gentes. E, à sua cabeça, colocar-se-ia um mestre extraordinário:

Domingos Calado (filho de «mestre» Calado). Ele também ensinou, sempre obediente a um propósito de autenticidade, cobrando, então, 10\$00 por lição individual e 300\$00 por 30 lições. Com a sua morte, o jogo do pau quase acabou «porque não houve mais ninguém que assumisse a direcção das aulas», diz Orides Oliveira.

Todavia, hoje, o jogo do pau é, na sua essência, uma actividade recreativa em que, de acordo com as regras, nem se ganha nem se perde. É mais uma forma de canalizar o ócio. Para uns, é fonte de prazer diferente, para outros, pode chegar a transformar-se numa eficiente ginástica aeróbica. Aliás, jogar o pau queima muitas calorias: desenvolve os músculos e a resistência. ●